



CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E CENTRALIDADE URBANA: uma análise comparativa em cidades catarinenses.

Spatial configuration and urban centrality:
a comparative analysis in cities of Santa Catarina.

K.D. Carminatti

*Brusque, Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, Brasil
karol.carminatti@unifebe.edu.br*

A. F. Reis

*Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal
de Santa Catarina, Brasil
almir.reis@ufsc.br*

RESUMO

Situado no sul do Brasil, o estado de Santa Catarina tem uma estrutura urbana que se diferencia do contexto nacional. Apresentando grande diversidade territorial e cultural, suas cidades estruturam tecidos urbanos variados, algumas com configurações bastante dispersas e segregadas, outras bastante reticuladas e integradas. Neste trabalho apresentamos pesquisa realizadas nas 10 cidades catarinenses mais populosas, analisando as distintas centralidades que se consolidaram através de distintos processos de crescimento. Estudamos atributos formais, funcionais e simbólicos destas centralidades, nos apoiando em Holanda .et al. (2002) e na teoria da Sintaxe Espacial (Hillier e Hanson, 1984). Os resultados encontrados apontam forte correlação entre a configuração espacial e a rede de centralidades presentes nas cidades analisadas, revelando lugares que expressam diferentes intensidades de usos, pessoas e significados.

Palavras-chave: Centralidade, configuração espacial, traçado urbano.

Bloco Temático: 1. Cidade e Projeto **Temas:** 1. Morfologia Urbana

ABSTRACT

Located in southern Brazil, the state of Santa Catarina has an urban structure that differs from the national context. Presenting great territorial and cultural diversity, its cities structure varied urban fabrics, some with quite dispersed and segregated configurations, others quite reticulated and integrated. In this paper we present research carried out in the 10 most populated cities in Santa Catarina, analyzing the distinct centralities that were consolidated through distinct growth processes. We studied formal, functional and symbolic attributes of these centralities, based on Holanda et al. (2002) and on the Spatial Syntax theory (Hillier and Hanson, 1984).

The results found point to a strong correlation between the spatial configuration and the network of centralities present in the cities analyzed, revealing places that express different intensities of uses, people and meanings.

Keywords: Centrality, spatial configuration, urban layout.

Thematic clusters: 1. City and Project **Topic:** 1. Urban Morphology

1. Introdução

Os centros históricos das cidades sempre desempenharam importante papel nas dinâmicas urbanas, tornando-se regiões de grande significado, tanto material como simbólico. São fragmentos das cidades que indiscutivelmente expressam aspectos econômicos, sociais, culturais e morfológicos, carregando consigo um forte simbolismo, tendo, em muitos casos, se consolidado ao longo do tempo como os lugares de maior diversidade de pessoas, fluxos, usos e vivências. Apesar dessa importância, no presente, tanto a materialidade dos centros históricos, como o seu significado, vem adquirindo novas dimensões. Em alguns ainda é forte a sua atratividade social, reunindo grande quantidade de pessoas, e sua atratividade econômica, por meio de uma expressiva diversidade de usos, entretanto em outros sua importância para a cidade parece ter diminuído ao longo do tempo, materializando abandono e depredação dos edifícios e lugares historicamente consolidados.

Mas afinal, por que alguns centros estão se tornando espaços socialmente pouco apropriados? Como as mudanças do espaço urbano da cidade têm propiciado transformações nos centros históricos e no surgimento de outros “centros” com notória importância? Propomos aprofundar estas questões trazendo o estudo da centralidade urbana como tema principal.

Centralidade é um tema bastante discutido por diversas áreas do conhecimento, que apresenta como característica principal a consolidação de um espaço decisório, de forte concentração de serviços e fluxos de todos os níveis, protagonista da dinâmica cidadã. Nosso estudo se aproxima do entendimento das mudanças configuracionais dos espaços urbanos sobre a centralidade, buscando estabelecer uma correlação entre forma espacial e apropriação social e, por isso, traz como referências principais Holanda (2002) e Hillier e Hanson (1984). Estes trabalhos, explorando aspectos econômicos e simbólicos, atentam especialmente para as questões locacionais da centralidade. Assim a pesquisa, ressaltando regiões de extrema vitalidade no tecido urbano, que reúnem os significados e usos principais das cidades, problematiza também aquelas porções do tecido urbano de grande acessibilidade, centralidades latentes, mesmo que algumas vezes com urbanidade ainda não totalmente consolidada.

A pesquisa analisa cidades, do estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, diversificadas em razão do sítio físico, etnias colonizadoras e diferentes processos de crescimento. Como recorte espacial, trazemos as 10 cidades mais populosas do estado. O objetivo do trabalho é investigar transformações configuracionais das centralidades dessas cidades, o que é feito a partir da resolução dos seguintes objetivos específicos:

- Localizar e caracterizar centralidades formais, funcionais e simbólicas consolidadas e em processo de formação.
- Estudar a interdependência entre configuração espacial e atributos simbólicos e funcionais das cidades estudadas.

Os resultados encontrados apontam correlação da configuração espacial com a rede de centralidades nas cidades analisadas. Diferentes centralidades tendem a se aproximar e até se sobrepor em tecidos urbanos espacialmente mais integrados, enquanto em traçados mais segregados as centralidades se situam de modo mais descontínuo e disperso, configurando núcleos com diferentes significados no contexto do tecido urbano.

2. Referências teórico-conceituais

Diversas correntes teóricas têm relacionado o centro e a centralidade por meio de abordagens que sobrepõem conteúdos espaciais e sociais. O pensamento da Escola de Chicago, a partir de 1920, trouxe estudos críticos acerca destes temas, compreendendo o centro como um lugar de funcionalidade e definindo-o pela quantidade e competitividade de suas atividades. As contribuições de Homer Hoyt (1939), por exemplo, são precursoras deste pensamento. Já a Escola Francesa de Sociologia, a partir da década de 1960, passa a compreender o espaço urbano como resultado de disputas sociais, que produzem a cidade mediante conflitos de classes envolvendo questões culturais, econômicas e políticas, apresentando novas dimensões ao debate acerca da centralidade urbana. Enveredam nesta direção os estudos realizados por Lefèbvre (1999), em que a centralidade resulta da relação entre a estrutura urbana e as suas transformações ao longo do tempo.

Uma outra linha, cujos conceitos e métodos serão utilizados neste trabalho, traz uma relação mais direta entre centralidade e forma espacial. São consideradas as características de separação ou proximidade entre os diversos lugares que configuram o todo da estrutura urbana. Desta linha se aproxima Dantas (1981) dando especial ênfase na acessibilidade espacial, fenômeno que relaciona lugares com atividades de produção e consumo, expressando diversidade de usos e fluxos. Este entendimento é aprofundado com o estudo proposto por Bill Hillier (Hillier, 1999) que define a centralidade como um processo que possui elementos funcionais, na concentração de atividades, e espaciais, na posição protagonista de uma região em relação ao todo da cidade. A abordagem de Bill Hillier toma a morfologia urbana como componente fundamental para o surgimento da centralidade trazendo-a não apenas como estrutura estática, mas em permanente processo de transformação.

Tal processo, no entanto, cria uma dinâmica que integra, mas que ao mesmo tempo segrega. O próprio surgimento do centro, segundo Flávio Villaça, parte de uma necessidade de afastamento, pois, assim como todas as localizações que aglomeram pessoas, usos e atividades, o centro surge de uma disputa pelo controle do tempo e energia gastos nos deslocamentos humanos. Nesta disputa, áreas emergem como subcentros, réplicas que acabam por competir com o próprio centro principal em virtude da otimização de viagens e usos. Entretanto, os subcentros cumprem uma função parcial, apenas para uma determinada parcela da cidade, enquanto o centro principal a cumpre para toda a cidade (Villaça, 2001).

As centralidades podem se diferenciar entre si em razão da atividade especializada que determinada região abriga, da sua localização privilegiada ou ainda da sua vocação em reavivar memórias da cidade. Desse modo, uma mesma cidade pode abrigar diferentes “tipos de centralidade” sobre sua estrutura urbana. Nesse sentido, estudando o caso de Brasília, Holanda et al (2015) propõe diferenciar centralidades, haja vista que estas dimensões nem sempre aparecem justapostas em um mesmo tecido urbano. Teríamos, assim, o Centro Morfológico, definido como o lugar que, pela configuração espacial se torna a região mais acessível da cidade, e o Centro Funcional, área em que a presença de atividades econômicas é predominante, principalmente aquelas ligadas ao comércio, serviços e geração de empregos.

Do mesmo modo, diversos autores chamam a atenção para a carga simbólica presente nos centros históricos, locais de origem de nossas cidades. Esses lugares, resultado da sobreposição de formas e significados estão integrados de diferentes formas ao tecido urbano da cidade contemporânea, seja mantendo a posição central ou adquirindo um posicionamento menos integrado quando do crescimento do tecido urbano. Pesavento (2007), considera o caráter histórico dessas áreas, e ressalta a importância do Centro Simbólico, que sobrepõe os distintos tempos e culturas que perfizeram a cidade até o presente.

Este entendimento da centralidade entendida a partir de três de suas principais dimensões (forma, função, significado) embasa a presente pesquisa, que analisa sua configuração no presente das 10 cidades catarinenses mais populosas. O esquema a seguir representa conceitualmente as três centralidades caracterizadas por nós como formal, funcional e simbólica.

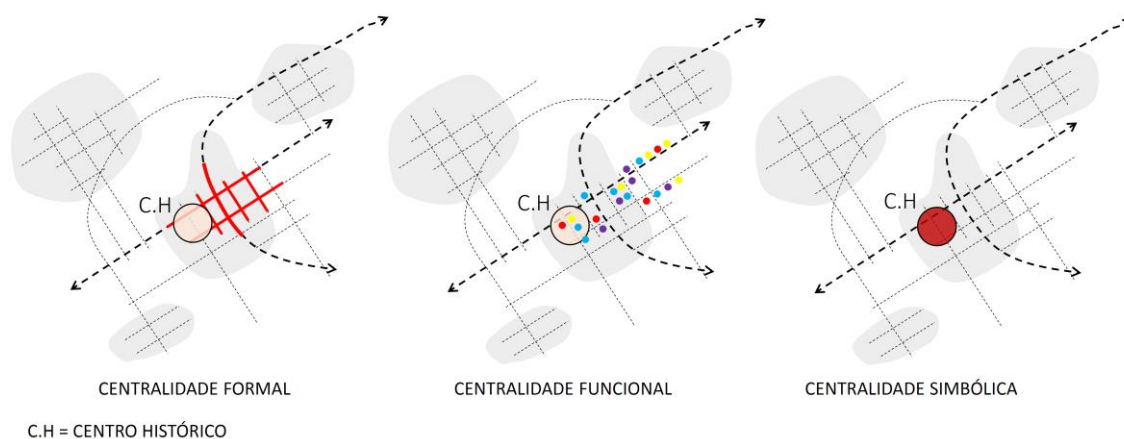


Fig. 01 Caracterização conceitual de diferentes centralidades. Fonte: Elaborado pelo autor.

Temos, portanto:

- a centralidade formal traduz a região mais facilmente acessível da cidade que, por possuir tal característica, tende a reunir grande quantidade e diversidade de usos e serviços, ao mesmo tempo que se estabelece como região capaz de expressar uma grande apropriação social;
- a centralidade funcional, geralmente reflexo da centralidade formal, uma vez que a oferta de comércio e serviços tende a ser maior em regiões em que há grande concentração de pessoas. Muitas vezes, porém, a expansão do tecido urbano modifica os padrões de acessibilidade, fazendo com que o antigo centro funcional (geralmente o centro histórico), deixe de ser a área mais acessível do tecido urbano;
- a centralidade simbólica, aqui entendida como a região que circunscreve o centro histórico, representando o lugar principal de memórias da cidade, sobrepondo camadas sociais e culturais que coexistem ao longo do tempo;
- Tanto a centralidade formal quanto a funcional podem não se sobrepor ao centro histórico, uma vez que as alterações na estrutura configuracional no tecido urbano podem consolidar novas áreas que passam a competir com o protagonismo do centro original.

3. Método de estudos

Nosso método de estudos compreendeu duas etapas fundamentais:

A. *Localização e caracterização de centralidades*

Para a leitura da centralidade formal trazemos os conceitos de Hillier e Hanson (1984), mapeando os espaços abertos de usos público, caracterizados por segmentos de reta, que remontam aos trajetos utilizados por pessoas e veículos nos seus percursos diários. Como instrumento, destacamos a medida de integração que analisa as relações entre os espaços abertos públicos e seus graus de acessibilidade, denotando a região mais facilmente acessível da cidade e, em termos locais, lugares como centros de bairros ou subcentros. Os 10% das vias mais integradas são consideradas como o núcleo integrador, a região mais acessível do assentamento, conformando a centralidade formal.

Para a localização das centralidades funcionais, utilizamos o “Google Maps”, ferramenta on-line que se vale de informações geoespacializadas para criar anúncios e identificar públicos potenciais para os mais diversos produtos. Com a intenção de reconhecer essas áreas com grande atratividade e diversidade de usos, a empresa mapeou em sua plataforma aberta as “áreas de interesse”¹, áreas que possuem a maior diversidade de atividades e funções no contexto do tecido urbano².

O reconhecimento e estudo da centralidade simbólica se deu pela localização do núcleo histórico na mancha urbana. Esta delimitação apresentou certa dificuldade, uma vez que, nem sempre, essas áreas são perfeitamente definidas na legislação municipal. O conhecimento pregresso desses sítios urbanos, associado a referências bibliográficas, mapas e fotos históricas permitiu adotar critérios relativamente semelhantes ao conjunto da amostra estudada.

B. *Estudo da interdependência entre configuração espacial e atributos simbólicos e funcionais das cidades catarinenses.*

Buscou-se compreender quais atributos morfológicos contribuem na efetivação ou transformação das centralidades. Tal análise se fez pela análise das interfaces espaciais existentes entre os diferentes tipos de centralidade considerados. Esta leitura evidenciou o quanto os centros funcionais e simbólicos são relacionados com o centro formal, ou seja, o quanto estão situados dentro da região mais facilmente acessível do tecido urbano. Esta leitura se revelou extremamente importante, pois o permanente crescimento das cidades leva ao deslocamento da centralidade formal, criando novas centralidades e muitas vezes deixando aquelas originais à margem das áreas mais dinâmicas do tecido urbano.

¹ Mais informações em: <https://blog.google/products/maps/discover-action-around-you-with-updated/>

² Almeida (2020) foi pioneiro ao utilizar as áreas de interesse como instrumento que auxiliam na leitura da centralidade urbana na região conurbada de Florianópolis

4. Amostra de estudos

Em um contexto territorial de grande diversidade, nossa pesquisa, se aprofundou sobre as 10 cidades mais populosas de Santa Catarina, que apresentam particularidades quanto ao sítio físico e aos processos históricos de formação e consolidação, conforme explicitado na tabela a seguir:

Cidade/região estudada	Área territorial (Km ²)	Sítio Físico	Colonização	Características econômicas	Traçado Urbano
Joinville	1.127,95	Região com presença de morros e rios fortemente relacionada com a porção litorânea do estado	Correntes migratórias germânicas	Caracteriza-se, principalmente, pela indústria tecnológica, têxtil e metalmeccânica	Malha urbana espalhada, apresentando mistura tipológica observa-se tanto traçados ortogonais e muito conectados quanto traçados sinuosos e dispersos.
Região Conurbada de Florianópolis	1.585,949	Região litorânea com presença de planícies e balneários	Correntes migratórias açorianas e vicentistas	Caracteriza-se, principalmente, pela indústria tecnológica, turismo, comércio e setor de serviços.	Disperso na porção insular e concentrado na porção do continente: Região conurbada com grande concentração de vias, BR 101 perpassando as cidades situadas no continente, pequenos núcleos urbanos ao longo das praias situadas na porção insular.
<i>Florianópolis</i>	674,844				
<i>São José</i>	150,499				
<i>Palhoça</i>	394,85				
<i>Biguaçu</i>	365,755				
Blumenau	518,619	Região de vale, conformada pela forte presença de morros, rios e vegetação	Correntes migratórias germânicas	Caracteriza-se, principalmente, pelo turismo, indústria tecnológica e têxtil.	Bastante disperso, em "espinha de peixe", com certa concentração de vias na porção central.
Chapecó	624,846	Região do planalto catarinense, com pouca interferência topográfica	Companhias Urbanizadoras de estados vizinhos	Caracteriza-se, principalmente, pela produção de gêneros alimentícios e agroindústria.	Fortemente ortogonal e quadriculado em grande parte da área urbana; disperso na porção periférica da cidade.
Itajaí	289,215	Região litorânea com presença de planícies e balneários	Correntes migratórias açorianas e vicentistas	Caracteriza-se, principalmente, pela importação e exportação, atividades de comércio e serviços	Delimitado entre rios, mar e BR 101; Ortogonal em praticamente toda sua extensão, com exceção das áreas com influência da topografia.
Jaraguá do Sul	530,894	Região de vale, conformada pela forte presença de morros, rios e vegetação	Correntes migratórias germânicas e italianas	Caracteriza-se, principalmente, pela indústria têxtil e metal mecânica.	Bastante disperso, em "espinha de peixe", com certa concentração de vias na porção central.
Lages	2.637,66	Região com pouca interferência topográfica, apresentando expressivas áreas de pastagens	Correntes migratórias paulistas e de estados vizinhos	Caracteriza-se, principalmente, pela agropecuária, agricultura, e processamento de madeira	Traçado mais ortogonal, percebido quase que em sua totalidade; em áreas mais afastadas surgem elementos mais orgânicos, especialmente nas vastas áreas rurais.
Criciúma	234,865	Região que apresenta influências tanto de áreas planas, mais próximas ao litoral, e mais declivosas, rumando para a serra. Possui numerosos cursos d'água	Correntes migratórias açorianas e vicentistas	Caracteriza-se, principalmente, pelas atividades mineradoras e da indústria cerâmica	Malha urbana esparsa com certa ortogonalidade, principalmente em áreas consolidadas; na região rural apresenta um tecido disperso e segregado.
<i>Içara</i>	292,779				

Tab. 01 Síntese das cidades estudadas. Fonte: Elaborado pelo autor.

5. Centros formais, funcionais e simbólicos

A seguir apresentam-se quadros resumos das leituras realizadas a partir dos mapeamentos dos atributos de centralidade formal, funcional e simbólica.

5.1. Centralidade formal

CIDADE/REGIÃO ESTUDADA	CENTRALIDADE FORMAL					
	Nº de Linhas que cobrem o sistema	Nº de segmentos	Integração global média	Integração local média (raio 1000m)	Percentual do território ocupado pela NAIN (10% + integrado)	Estrutura da centralidade formal (núcleo integrador global + local)
Região Conurbada de Florianópolis	24.599	47.997	2378.62	74.87	1,44%	Misto
Blumenau	13.336	20.206	818.507	46.11	3,21%	Linear
Chapecó	9.446	17.140	978.781	85.99	1,18%	Radial
Jaraguá do Sul	2.871	5.603	657.293	51.60	1,02%	Misto
Itajaí	5.536	10.475	1007.66	75.84	3,67%	Misto
Joinville	9.135	19.432	1048.54	63.58	1,59%	Linear
Região Conurbada Criciúma	10.873	22.209	1895.67	86.83	5,89%	Misto
Lages	9.789	17.213	1321.06	99.51	0,40%	Radial

Tab. 02 Síntese de leitura da centralidade formal. Fonte: Elaborado pelo autor.

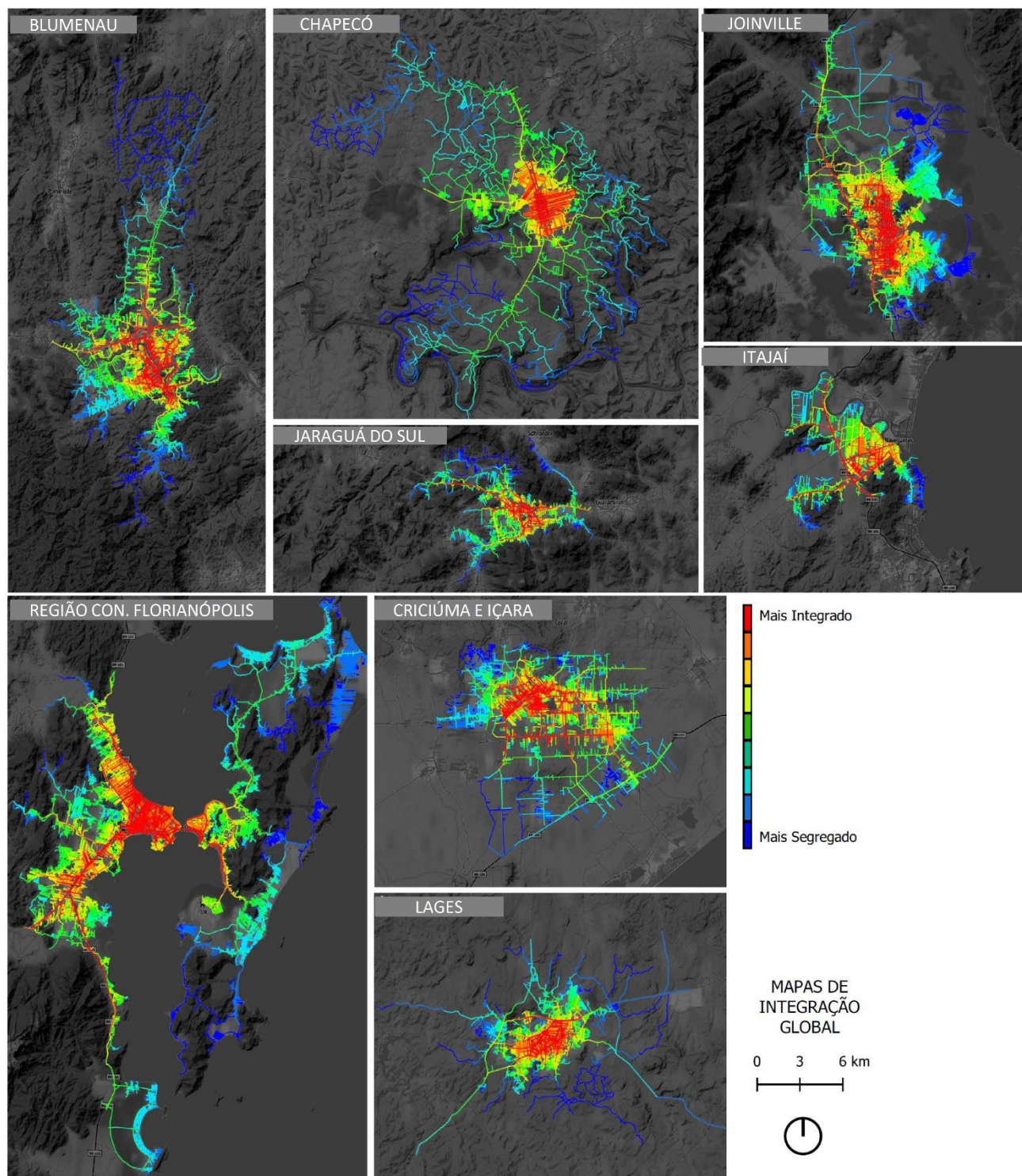
A região conurbada de Florianópolis figura como o maior sistema analisado, uma vez que reúne as cidades de São José, Palhoça, Biguaçu e a capital do estado, Florianópolis. Das cidades que se estudou de modo isolado, Blumenau denota o traçado urbano com maior tamanho, seguida por Lages e Chapecó. O menor sistema é representado por Jaraguá do Sul.

As cidades de Jaraguá do Sul e Chapecó, respectivamente, apresentam os maiores valores de comprimento médio dos segmentos, indicando traçados urbanos configurados com linhas que alcançam longas distâncias. No caso de Jaraguá, isso se deve em grande parte pela presença das rodovias que cortam a cidade e pela continuidade espacial que ocorre ao longo das ruas que margeiam o rio Itapocu. Já Chapecó tem tal característica pela própria dimensão e organização da grelha que configura o tecido urbano a partir de quarteirões de 120 x 120 metros, em média. Blumenau e Lages são as cidades que tem segmentos de reta com menor distância evidenciando traçados com maior número de mudanças de direção.

Expressivos valores de integração no todo são percebidos em Itajaí, com um traçado bastante ortogonal, e Joinville, que desenvolveu um tecido misto, ora ortogonal, ora linear. Blumenau e Jaraguá do Sul apresentam os menores índices de integração espacial, evidenciando as influências do sítio físico que condicionou o crescimento urbano gerando um traçado bastante disperso. Localmente os valores de integração tem resultados mais expressivos em Blumenau e na Região Conurbada de Criciúma. No mapeamento, que se realizou destas duas cidades é possível notar a existência de diversos subcentros interconectados. Chapecó também merece destaque por conformar um grande centro local que abrange boa parte do tecido urbano. Jaraguá do Sul e Joinville têm os índices mais baixos de integração local, mostrando as influências de um traçado mais orgânico.

A estrutura da centralidade formal encontrada nesta análise denota Chapecó com uma configuração radial, que se estende para várias direções, Jaraguá do Sul, Blumenau e Joinville com uma organização linear, acompanhando importantes cursos d'água, e as Regiões Conurbadas de Florianópolis e Criciúma que se apresentam de modo misto, prolongando-se em parte do eixo BR 101 e se concentrando nas porções iniciais

de formação. Itajaí também se estrutura com um tecido misto, fortemente ortogonal na porção entre a rodovia BR 101 e mar, e disperso na região interiorana que se estende até a rodovia.



5.2. Centralidade funcional

CIDADE/REGIÃO ESTUDADA	CENTRALIDADE FUNCIONAL							
	Quantidade e de Polígonos de áreas de interesse	Abrangência das áreas de interesse (km ²)	Proporção em relação ao sistema analisado (%)	Situação das áreas de interesse em relação ao tecido urbano	Nº de Polígonos que se sobrepõem aos segmentos mais integrados no todo (10%)	Nº de Polígonos que se sobrepõem aos segmentos mais integrados localmente (10%)	Nº de Polígonos que se sobrepõem simultaneamente e ao Núcleo integrado Local e Global	Relação com a Centralidade Formal
Região Conurbada de Florianópolis	38	3,72	1,25	Dispersos	15	21	8	21%
<i>Florianópolis</i>	21	1,89	0,28	<i>Dispersos</i>	3	12	3	14%
<i>São José</i>	10	1,25	0,83	<i>Concentrados</i>	8	4	2	20%
<i>Palhoça</i>	6	0,46	0,11	<i>Concentrados</i>	4	5	3	50%
<i>Biguaçu</i>	1	0,12	0,03	<i>Dispersos</i>	0	0	0	0%
Blumenau	10	0,82	0,15	Dispersos	6	9	4	40%
Chapecó	8	0,82	0,13	Concentrados	7	5	5	63%
Jaraguá do Sul	9	0,18	0,03	Dispersos	6	7	6	67%
Itajaí	11	1,04	0,36	Dispersos	4	6	4	36%
Joinville	33	1,87	0,16	Dispersos	8	18	8	24%
Região Conurbada Criciúma	8	0,66	0,26	Concentrados	7	8	7	88%
<i>Criciúma</i>	7	0,58	0,24	Concentrados	7	7	7	100%
<i>Içara</i>	1	0,08	0,02	Concentrados	0	1	0	0%
Lages	10	0,44	0,01	Concentrados	9	9	9	89%

Tab. 03 Síntese de leitura da centralidade funcional. Fonte: Elaborado pelo autor.

Joinville reúne o maior número de áreas de interesse e, portanto, de centralidades funcionais, aproximando-se do número de áreas encontradas na Região Conurbada de Florianópolis. Lages, Itajaí, São José, Lages, Jaraguá do Sul, Chapecó e Blumenau denotam semelhanças na quantidade de áreas de interesse. Içara e Biguaçu mostram apenas uma destas áreas no seu território.

A Região Conurbada de Florianópolis e a cidade de Joinville possuem as áreas de interesse com as maiores extensões². Notavelmente, as áreas de interesse ocupam uma pequena parcela das cidades analisadas, se relacionadas com as áreas totais de cada cidade. As Regiões Conurbadas de Criciúma e Florianópolis têm as maiores parcelas de território caracterizadas por centralidades funcionais, seguidas respectivamente por Itajaí e Joinville.

As áreas de interesse que estão situadas sobre o tecido urbano de Lages, Joinville e São José são as que possuem a maior integração no todo do tecido urbano. Em seguida aparecem Chapecó, Criciúma e Blumenau, respectivamente. Já a integração local se apresentou com maior força sobre as áreas de interesse de Joinville e Florianópolis.

Sobrepondo centralidades, identifica-se que Criciúma e Lages são as cidades que melhor relacionam centralidade formal e centralidade funcional. Significa dizer que a concentração e a diversidade de uso dos solos presente nestas cidades, é disposta sobre lugares com alta acessibilidade espacial e, portanto,

correlacionam de modo muito intenso forma e função urbana. O contrário pode ser visto em Içara e Biguaçu que não possuem nenhuma correlação entre centro funcional e centro formal.

As áreas funcionais se sobrepõem às centralidades formais nas cidades que apresentam uma estrutura mais ortogonal e naquelas de crescimento radial. Acabam por se sobrepor a lugares com alta integração sintática localmente e no todo, como é o caso de Chapecó e Lages, quase que criando uma única área funcional para toda a cidade. Já em tecidos com pouca sobreposição de integração local e no todo, ficam evidentes áreas funcionais que atuam como subcentros. Observou-se, portanto, no conjunto da amostra estudada, uma congruência bastante forte entre atributos de forma e função urbana.

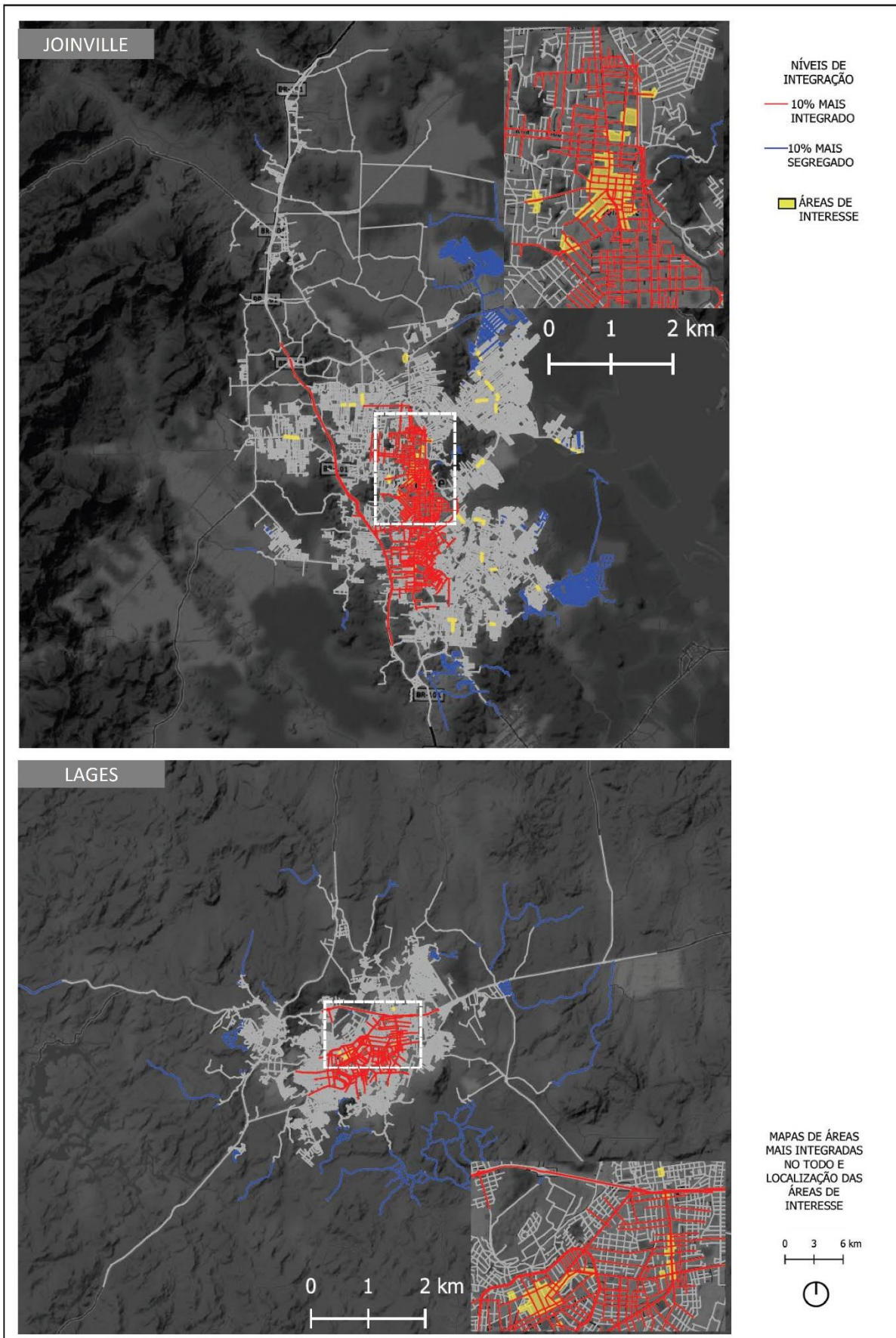


Fig. 03 Mapas com a localização das áreas de interesse. Joinville apresentando áreas de interesse (centralidade funcional) dispersos sobre o tecido urbano, enquanto Lages concentra todas as áreas na porção mais integrada Fonte: Elaborado pelo autor.

5.3. Centralidade simbólica

CIDADE/REGIÃO ESTUDADA	CENTRALIDADE SIMBÓLICA					
	Abrangência do núcleo histórico (km ²)	Proporção em relação ao sistema analisado (%)	Nº de segmentos que passam pelo núcleo histórico	Nº de segmentos mais integrados no todo (10%) que passam pelo núcleo histórico	Nº de segmentos mais integrados localmente (10%) que passam pelo núcleo histórico	Relação com a centralidade formal
Região Conurbada de Florianópolis	1,13	0,26	558	70	343	13%
<i>Florianópolis</i>	0,52	0,07	321	49	317	15%
<i>São José</i>	0,08	0,05	84	0	26	0%
<i>Palhoça</i>	0,28	0,07	59	21	0	0%
<i>Biguaçu</i>	0,26	0,07	94	0	0	0%
Blumenau	0,45	0,08	191	102	146	53%
Chapecó	0,21	0,03	951	793	861	83%
Jaraguá do Sul	0,60	0,11	149	56	93	38%
Itajaí	0,40	0,14	68	2	0	0%
Joinville	1,44	0,13	315	295	62	20%
Região Conurbada Criciúma	0,51	0,20	133	70	69	52%
<i>Criciúma</i>	0,40	0,17	92	67	38	41%
<i>Içara</i>	0,11	0,04	41	3	31	7%
Lages	0,28	0,01	56	45	34	61%

Tab. 04 Síntese de leitura da centralidade simbólica. Fonte: Elaborado pelo autor.

A cidade de Joinville apresenta o núcleo histórico com maior área proporcional ao tecido analisado, seguido por Jaraguá do Sul, Florianópolis e Blumenau. Içara e São José são as cidades com núcleos históricos de menor dimensão. Em percentuais, quando feita a comparação com as áreas territoriais totais de cada cidade estudada, Criciúma, Itajaí e Joinville apresentam núcleos históricos que ocupam maior área territorial.

Cidades como Blumenau, Jaraguá do Sul, Joinville, Lages e Chapecó situam o núcleo histórico de modo mais centralizado. O oposto ocorre em grande parte, nas cidades litorâneas, em razão da condição inicial, que situou os centros originais em direta relação com o mar, e da crescente expansão do tecido urbano. O caso de Florianópolis foge um pouco a esta regra, pois seu núcleo integrador acabou se justapondo ao principal acesso da porção insular e se configurou como um espaço de grande fluxo. Blumenau também revela seu núcleo histórico de modo deslocado, às margens do rio Itajaí-açu. O mesmo deslocamento ocorre com Itajaí que experimentou uma expressiva expansão rumo à Rodovia BR 101, localizada em uma porção territorial distante da região histórica da cidade.

Chapecó, Joinville e Florianópolis denotam, respectivamente, as maiores quantidades de segmentos de linhas (ou ruas) que perpassam pelos núcleos históricos. Pode-se notar um padrão em que, comparativamente, o número de vias presente nos núcleos históricos é bastante similar nas cidades litorâneas, que têm seu centro original deslocado no tecido urbano total (São José, Palhoça e Biguaçu), e nas cidades situadas em vales da vertente atlântica catarinense (Blumenau e Jaraguá do Sul), estas fortemente influenciadas pela topografia encaixada desses vales.

Chapecó, Joinville e Blumenau possuem a maior quantidade de segmentos bem integrados no todo que passam pelo centro histórico. Em contraponto, o centro histórico de São José e de Biguaçu não apresentam nenhum segmento com altos valores de integração. Itajaí possui apenas dois segmentos bem integrados que passam pela porção histórica. Quando analisados os segmentos bem integrados localmente, o centro histórico

de Chapecó reúne a maior número de vias com alta acessibilidade espacial, seguida pelos núcleos históricos de Florianópolis e Blumenau. Cidades como Palhoça, Biguaçu e Itajaí não apresentam em seus centros originais segmentos bem integrados.

Chapecó é a cidade que melhor sobrepõe condições de centralidade simbólica e centralidade formal. Significa dizer que, mesmo com o passar do tempo, o centro original se mantém protagonista na vida urbana, sendo a região mais antiga da cidade, mas também a mais facilmente acessível. Lages e Blumenau aparecem na sequência, com um percentual de sobreposição menor. Em contrapartida, São José, Palhoça, Biguaçu e Itajaí revelam núcleos históricos deslocados dos altos valores de acessibilidade espacial dos sistemas estudados, mostrando que a centralidade simbólica está completamente deslocada da centralidade formal.

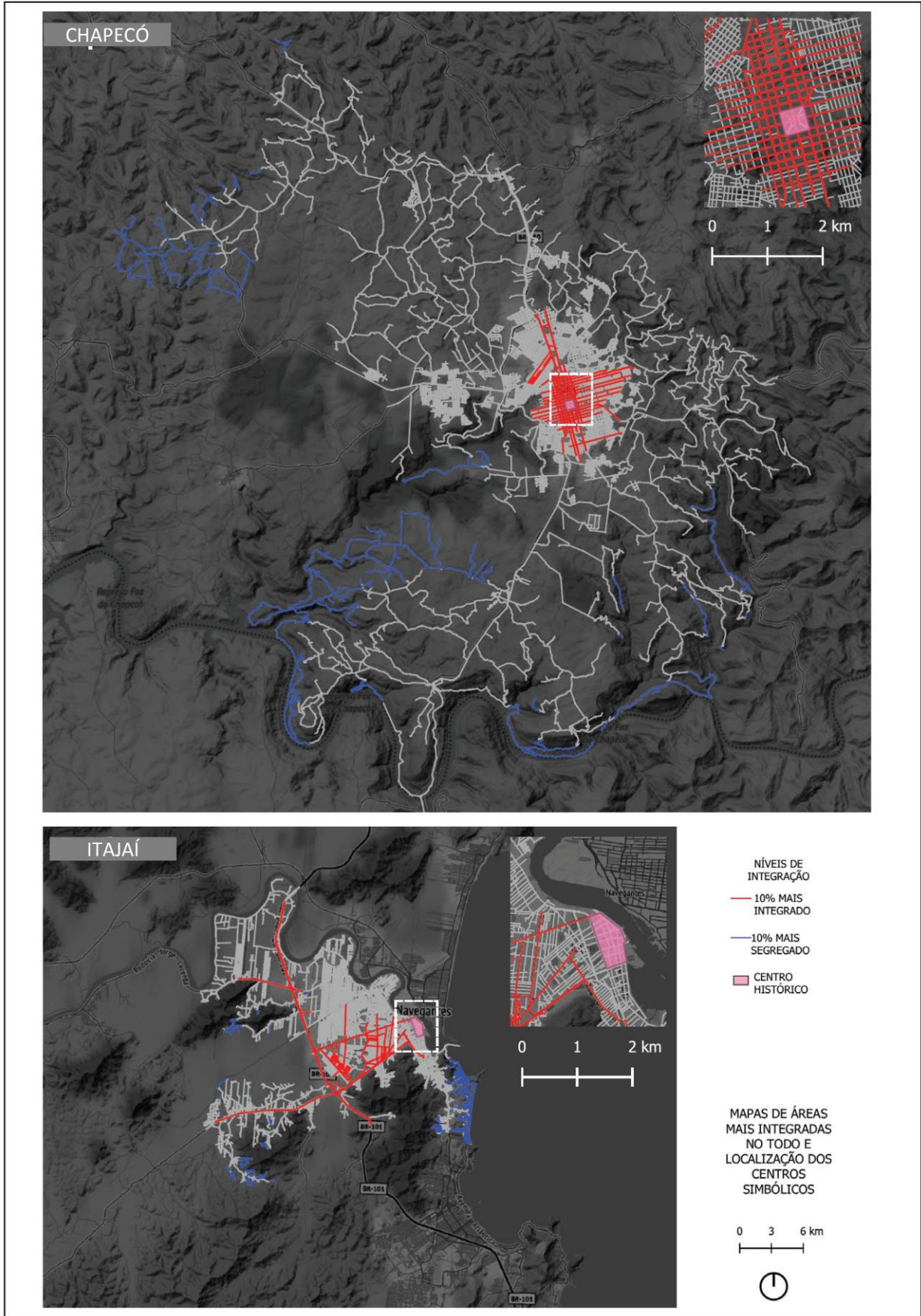


Fig. 04 Mapas com a localização dos núcleos históricos: Chapecó apresentando a porção histórica da cidade com alto grau de integração, enquanto o centro histórico de Itajaí é pouco integrado espacialmente. Fonte: Elaborado pelo autor.

5.4. Integração espacial e sua relação com as centralidades funcionais e simbólicas.

Analizamos aqui o grau de relação que as centralidades simbólicas e funcionais possuem com a centralidade formal, com o intuito entender os requisitos espaciais subjacentes aos lugares de grande diversidade funcional, de grande uso e apropriação e de lugares de memória. A tabela 05 traz os resultados obtidos.

CIDADE/REGIÃO ESTUDADA	Correlação entre Centro Formal com:	
	Centro Funcional	Centro Simbólico
Região Conurbada de Florianópolis	0 - 25%	0 - 25%
<i>Florianópolis</i>	0 - 25%	0 - 25%
<i>São José</i>	0 - 25%	0 - 25%
<i>Palhoça</i>	50 - 75%	0 - 25%
<i>Biguaçu</i>	0 - 25%	0 - 25%
Blumenau	25 - 50%	50 - 75%
Chapecó	50 - 75%	75 - 100%
Jaraguá do Sul	50 - 75%	25 - 50%
Itajaí	0 - 25%	0 - 25%
Joinville	0 - 25%	0 - 25%
Região Conurbada Criciúma	75 - 100%	50 - 75%
<i>Criciúma</i>	75 - 100%	25 - 50%
<i>Içara</i>	0 - 25%	0 - 25%
Lages	75 - 100%	50 - 75%

Tabela 05- Análise da centralidade funcional. Fonte: elaborado pelo autor.

É possível afirmar que cidades com um tecido urbano que se estruturou de modo mais radial, que cresceram de modo mais ou menos igual para todas as direções, como Chapecó e Lages, trazem uma forte relação entre acessibilidade espacial, áreas com diversidade de atividades e áreas históricas. Esse padrão formal facilita a sobreposição e a coexistência de diferentes tipos de centralidade, potencializando atributos de vitalidade urbana.

Percebe-se que Blumenau e Jaraguá do Sul, cidades de colonização europeia situadas em meio aos vales, têm correlação considerável entre os tipos de centralidades analisados. No entanto, a conformação do traçado dessas cidades, que é fortemente condicionado pela topografia, ocupando diversos vales encaixados, tem deslocado e dispersado o centro funcional, atualmente com acessibilidade dificultada em relação ao restante do tecido urbano.

Por outro lado, deu-se destaque para as cidades situadas no litoral que possuem pouca sobreposição de áreas facilmente acessíveis com espaços importantes do ponto de vista do uso do solo e das porções mais históricas. Em grande medida, tal situação ocorre pelo crescimento unidirecional da malha urbana para uma ou outra direção preponderante, muitas vezes em direção às novas rodovias criadas, o que tem levado o traçado urbano para longe do litoral. O núcleo histórico permanece, mas já não é a porção mais integrada do sistema, e muitos usos comerciais e de serviço foram, pouco a pouco, migrando para áreas próximas das rodovias como no caso das cidades de Itajaí e São José.

6. Conclusões: influências formais sobre função e simbolismo

As análises realizadas permitem as seguintes constatações:

. **a sobreposição entre centro formal e o centro funcional:** os centros funcionais que se localizam em áreas de grande acessibilidade espacial tendem a ser extremamente potentes quanto à dinâmica do uso do solo e das tipologias construtivas, em geral, permitindo que haja uma apropriação cotidiana potente e diversa;

. **a não sobreposição entre centro formal e centro funcional:** é uma situação bastante particular, geralmente caracterizando cidades planejadas de caráter modernista. No contexto da amostra estudada, isto acontece quando as áreas mais acessíveis do assentamento se encontram em porções relativamente novas do tecido urbano, ainda não efetivamente ocupadas e adensadas. São áreas integradas do tecido urbano que ainda não desenvolveram atributos de centralidade, situação muito usual nas cidades catarinenses como no caso de Blumenau e Florianópolis. É muito importante a criação de medidas de planejamento no sentido de se antecipar às grandes mudanças configuracionais que essas áreas inevitavelmente sofrerão.

. **a sobreposição entre centro formal e centro simbólico:** nestes casos costuma haver uma vida urbana intensa ao mesmo passo em que ocorrem grandes transformações de usos do solo, tipologias construtivas e até mesmo do parcelamento da terra. O centro histórico tem seu protagonismo reforçado, reunindo interesses diversos. Nesse contexto, há certa dificuldade para a efetivação de políticas de preservação do patrimônio, uma vez que distintos agentes, como o mercado imobiliário, por exemplo, exercem grande pressão para alterações na estrutura urbana.

. **a não sobreposição entre centro formal e o centro simbólico:** tende a ocorrer uma significativa redução da dinâmica urbana do centro histórico, muitas vezes levando a uma baixa diversidade de usos e de usuários (o que é exemplificado, por exemplo, pelo centro de São José), ocasionando também em baixa vitalidade e urbanidade. Curiosamente, são lugares que proporcionam melhores condições para a criação de políticas para preservar o patrimônio edificado, uma vez que a dinâmica urbana é menos intensa e os interesses imobiliários tendem a ser menos intensos.

A centralidade urbana, encerrando dimensões espaciais, funcionais e simbólicas, é um tema fundamental para o entendimento e a proposição da cidade contemporânea. Este trabalho buscou integrar estas três dimensões, mantendo o foco nos aspectos configuracionais do tecido urbano. Neste sentido, revelou uma determinada abordagem, muitas vezes sobrevalorizada nos estudos urbanísticos. O aprofundamento da pesquisa no contexto das dez maiores cidades catarinenses, permitiu verificar aspectos fundamentais de sua configuração, resultado de lógicas espaço-temporais desenvolvidas historicamente. Trata-se de um aporte bastante específico cujo aprofundamento pode acontecer tanto com o aumento da amostra empírica quanto com o avanço das questões funcionais e simbólicas envolvidas com a questão da centralidade urbana.

7. Referências bibliográficas

DANTAS, J. R. (1981). Modelos Urbanos. Um Enfoque Científico no Planejamento Urbano. (Tese de Livre-Docência), São Paulo: FAU-USP.

HILLIER, B. (1999). Centrality as a process: accounting for attraction inequalities in deformed grids. *Urban Des Int* 4, 107–127.

HILLIER, B., HANSON, J. (1984). *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press.

HOLANDA, F. (2002). *O espaço de exceção*. Brasília: Editora Universidade de Brasília

HOLANDA, F., et al. (2015). A configuração da área metropolitana de Brasília. In: RIBEIRO, Rômulo; TENORIO, Gabriela; HOLANDA, Frederico de. *Brasília: transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 64-97

HOYT, H. (1939). *The Structure and Growth of Residential Neighborhoods in American Cities*. Washington: Federal Housing Administration

LEFEBVRE, H. (1999). *A revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG

PESAVENTO, S. J. (2007) História, memória e centralidade urbana. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 05 janvier.

VILLAÇA, F. (2001). Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel